



Fotolibro
Fotografía Documental

Português

Este fotolivro é resultado do curso **Fotografía Documental**, ministrado pela professora e fotógrafa **Daniella Fernández Realin** na plataforma **ContraLuz**. Os encontros contaram com a participação de fotógrafxs de vários países da América Latina, com diferentes enfoques, linguagens e abordagens frente à temas relevantes em seus territórios.

Cada estudante apresenta neste fotolivro um resumo ensaio fotográfico que desenvolveu ao longo das seis aulas do curso e que pode ser conferido na íntegra na seção **Imágenes Circulantes** no site do **ContraLuz**.

Español

Este fotolibro es el resultado del curso **Fotografía Documental**, impartido por la profesora y fotógrafa **Daniella Fernández Realin** en la plataforma **ContraLuz**. Los encuentros contaron con la participación de fotógrafxs de varios países de América Latina, con diferentes enfoques, lenguajes y abordajes frente a temas relevantes en sus territorios.

Cada estudiante presenta en este fotolibro un breve ensayo fotográfico que desarrolló a lo largo de las seis sesiones del curso y que puede consultarse en su totalidad en la sección **Imágenes Circulantes** del sitio web de **ContraLuz**.

Hinchas: retratos de una pasión Ana Paula Gatti	5
Promeseros Federico Murua	21
Las otras, mujeres nido Fernanda Rivera Luque	37
Resistiendo Juntas Hernán González	53
Venado Johan Cuta	69
Semáforo en rojo, luz verde a la informalidad laboral Jhon Jairo Villarraga	85
Pessoas sem lugar Maurício Lobo	101
Poner el Cuerpo Silvia Villamil	117

Hinchas: retratos de una pasión

Ana Paula Gatti

Português

“A Argentina tem instalada uma tecnologia social única no mundo. Chama-se “clubes de bairro”. Aqui o esporte é vivido em comunidade. Os clubes são uma das instituições mais presentes na vida dos argentinos. Um clube não é só esporte, é um espaço de encontro: ali estão os modelos de disciplina e as experiências que vão marcar as pessoas para toda a vida. Isso é um sentido de pertencimento – algo mágico – que é difícil de explicar. Em uma sociedade tão fragmentada, reconstruir o comum é a chave, e os clubes são um dos lugares onde isso é possível: fazem parte do nosso tecido social; é onde nos misturamos, compartilhamos e formamos comunidade.” — María Migliore

O clube de bairro que hoje habito, e que me viu crescer durante 28 anos, voltou a ser campeão depois de doze anos, em novembro de 2024. Quase como uma celebração de Copa do Mundo, as ruas se encheram da alegria dos torcedores — adultos e crianças — que se uniram em um abraço incomensurável.

Español

“Argentina tiene instalada una tecnología social única en el mundo. Se llama “clubes de barrio”. Acá el deporte se vive en comunidad. Los clubes son una de las instituciones más presentes en la vida de los argentinos. Un club no es solo el deporte, es un espacio de encuentro: ahí están los modelos de la disciplina, y las experiencias que van a marcar a las personas de por vida. Esto es un sentido de pertenencia, –un algo mágico–, que es difícil de explicar. En una sociedad tan fragmentada, reconstruir lo común es la clave y los clubes son uno de los lugares donde esto es posible: son parte de nuestro tejido social, ahí nos mezclamos, compartimos y formamos comunidad” — María Migliore

El club del barrio que hoy habito, y me vió crecer durante 28 años, volvió a salir campeón después de doce años, en noviembre de 2024. Casi como un festejo de mundial, las calles se llenaron de la alegría de hinchas; grandes y chicos, que se unieron en un abrazo inconmensurable.













Ana Paula Gatti

Português

Ana Paula Gatti é uma fotógrafa argentina, nascida na cidade de Bahía Blanca.

Há mais de 15 anos caminha pela vida com um caderno em uma mão e uma câmera na outra. As palavras e as imagens têm sido um meio de contar suas histórias, de documentar o belo e o cru através de seu olhar. Dessa maneira, compartilha, com quem permitir, a arte de guardar memórias.

Español

Ana Paula Gatti es fotógrafa argentina, nacida en la ciudad de Bahía Blanca.

Desde hace más de 15 años camina su vida con un cuaderno en una mano y una cámara en la otra. Las palabras y las imágenes han sido un medio para contar sus historias, documentar lo bello y lo crudo a través de su mirada. De esta manera comparte, con quien se lo permita, el arte de guardar memorias.



Promeseros
Federico Murua

Português

Este projeto, “Promeseros” (Peregrinos), é um projeto pessoal que levou cerca de três anos para ser produzido, incluindo documentação, pesquisa e entrevistas, o que me permitiu mergulhar completamente no tema. Gauchito Gil é um santo popular, amplamente venerado pelos argentinos, independentemente do nível sociocultural ou da filiação política. Todos os anos, ele atrai centenas de milhares de devotos ao seu santuário na cidade de Mercedes, na província de Mercedes, a cerca de 1200 km de Buenos Aires. A coleta de imagens de devoção, gratidão e/ou súplicas serve como uma forma de demonstrar como a fé e a esperança das pessoas se apegam às suas crenças, ao mágico-religioso, ao espiritual.

Doze imagens selecionadas dentre mais de 800 tiradas durante a peregrinação de três dias em ação de graças ao santo. Homens, mulheres e crianças se reúnem vindos de todo o país e até mesmo de países vizinhos como Bolívia, Paraguai e Brasil, e até de países europeus como Espanha, França e Itália, para venerá-lo e oferecer presentes que vão desde cigarros, vinho e roupas até relíquias de família, vestimentas e até carros. Não existe outra manifestação mágico-religiosa na Argentina que apresente esse tipo específico de comportamento entre seus fiéis.

“Promeseros” (Promessas) é um projeto fotográfico que busca projetar os sentimentos da cultura latino-americana mais íntima e menos invadida ou contaminada, moldada pelos processos de colonização e pela transculturação que ela trouxe.

Español

Este proyecto “Promeseros”, es un proyecto personal cuya producción se tomó unos tres años, entre la documentación, investigación y entrevistas para poder compenetrarme desde la raíz con el tema. El Gauchito Gil, es un santo popular muy seguido por el común de los argentinos, sin importar el nivel socio cultural o posición política, cada año convoca a cientos de miles de devotos en su santuario de la ciudad de Mercedes Prov de Mercedes a unos 1200 Km de BsAs. Recoger las imágenes sobre la devoción, agradecimiento y/o peticiones llegan a ser una forma de evidenciar como la fe y la esperanza de las personas se aferran a sus creencias, a lo mágico religioso, a lo espiritual.

12 imágenes seleccionas de mas de 800 hechas en tres días que dura la peregrinación y agradecimientos al Santo, Hombres,mujeres,niños se congregan de todas partes del país e incluso de países vecinos como Bolivia, Paraguay, Brasil y hasta de países de Europa como España, Francia e Italia para venerar y ofrecer ofrendas que van desde cigarrillos, vino, prendas, hasta artículos familiares, prendas de vestir e incluso autos. No hay en la Argentina otra manifestación mágico religiosa que presente este tipo de comportamiento tan particular entre sus creyentes.

“Promeseros”, es un proyecto fotográfico que busca proyectar el sentir de la cultura latinoamericana mas intima y menos invadida o contaminada por los procesos de colonización y la transculturización que esta trajo consigo.













Federico Murua

Português

Argentina/Venezuela (1976-). Fotojornalista (CRGV 2017).

Licenciado em Educação (UNEG, 2004). Fotógrafo Documentarista. Professor de Produção Audiovisual (UNEARTE, 2025). Criador de conteúdo sobre Fotografia Latino-Americana. Pesquisador Cultural de Ritmos Afrodescendentes. Professor da Escola de Comunicação Social (UBA, 2017). Autor de um livro sobre fotografia latino-americana (2025-em andamento).

Español

Argentina/Venezuela (1976-). Reportero gráfico (CRGV 2017)

Lic. Educación (UNEG, 2004). Fotógrafo documental, Prof. Productor Audiovisual (UNEARTE, 2025) Creador de contenidos sobre Fotografía Latinoamericana. Investigador Cultural Ritmos Afro descendientes.Prof. Escuela de Comunicación Social (UBA,2017) Escritor Libro sobre fotografía Latinoamericana (2025-en curso).



Las otras, mujeres nido

Fernanda Rivera Luque

Português

Revela rostros que resistem à intempérie dos bairros irregulares da Terra do Fogo. Ali, seus corpos são refúgio e memória, sustentam a vida como casas vivas. Em cada retrato, pulsa a raiz que habita o precário e o transforma em território e dignidade.

“As Hembras constroem ninhos sejam ventres primeiros ou abraços de depois elas armam ramo a ramo, barro a barro o abrigo que é sempre um quente lar e então lhes chovem neve, maldições, desalentos e planos econômicos e então sabem que é hora do pão e longe de se encolher elas rugem muito forte as Hembras então defendem ninhos olham o gendarme cara a cara e ao Inti mesmo que se deu por fazer-se o homem lhe detêm a mão grosseira e lhe freiam o mau tempo e lhe disputam a farinha e assim até realocam a própria morte então as Hembras reconstroem ninhos nos arredores da esperança na periferia do civilizado na ponta bela da maldita barbárie ali mesmo onde todo ninho é possível de ser ampliado... ...para que entrem todxs... estas Hembras ninhos que são o que parecem...”
Susy Shock (ativista Trans)

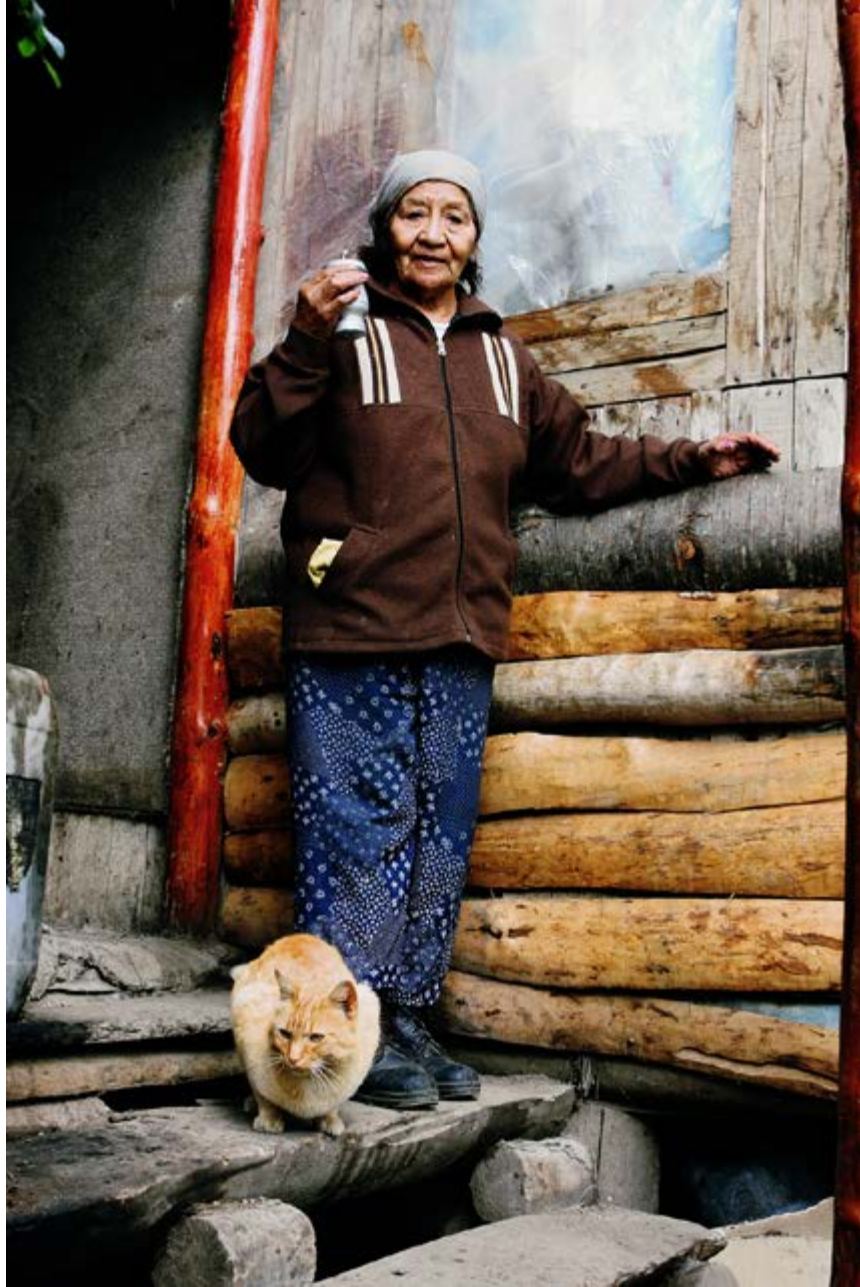
Español

Revela rostros que resisten en la intemperie de los barrios irregulares de Tierra del Fuego. Allí, sus cuerpos son refugio y memoria, sostienen la vida como casas vivas. En cada retrato, late la raíz que habita lo precario y lo transforma en territorio y dignidad.

“Las Hembras construyen nidos sean vientres primeros o abrazos de después ellas arman rama a rama, barro a barro el cobijo que es siempre un caluroso hogar y entonces les llueven nieve, maldiciones, desazones y planes económicos y entonces saben que es hora del pan y lejos de achicarse ellas rugen muy fuerte las Hembras entonces defienden nidos miran al gendarme cara a cara y al Inti mismo que se le dió por hacerse el hombre le detienen el manotazo y le frenan el mal clima y le pelean la harina y así hasta la reubican a la mismísima muerte entonces las Hembras reconstruyen nidos en las afueras de la esperanza en la periferia de lo civilizado en la punta hermosa de la maldecida barbarie allí mismo adonde todo nido es posible de ser agrandado... ...para que entren todxs... estas Hembras nidos que son lo que parecen...”
Susy Shock (activista Trans)













Fernanda Rivera Luque

Português

Nasce na cidade de Buenos Aires em 1974. Realizou a sua formação em fotografia: Técnica em preto e branco, Escola de Fotografia, San Isidro. Documentário Fotográfico, Faculdade de Ciências Sociais, UBA.

Em 2001, estabelece-se em Ushuaia. É criadora do Taller de Fotografia Experimental que desenvolve na Secretaria de Cultura e Educação da Municipalidade de Ushuaia, e do “Espacio Documenta”, oficina sobre ensaio fotográfico que ministra em seu estúdio privado. Desempenha-se também como Coordenadora e docente da Escola Argentina de Fotografia, Filial Ushuaia e coordenadora e curadora do Festival de la Luz Regional Patagônia 2014/2016. Realizou trabalhos de gestão autónoma a partir do ano 2009. Expõe coletiva e individualmente a nível provincial, nacional e internacional

Español

Nace en la ciudad de Buenos Aires en 1974. Realizó su formación en fotografía: Técnica en Blanco y Negro, Escuela de Fotografía de San Isidro. Documental Fotográfico, Facultad de Ciencias Sociales, UBA.

En 2001 se radica en Ushuaia. Es creadora del Taller de Fotografía Experimental que desarrolla en la Secretaría de Cultura y Educación de la Municipalidad de Ushuaia, y del “Espacio Documenta”, taller sobre ensayo fotográfico que dicta en su estudio privado. Se desempeña además como Coordinadora y docente de la Escuela Argentina de Fotografía, Sede Ushuaia y fue coordinadora y curadora del Festival de la Luz Regional Patagonia 2014/2016. Realiza trabajos de gestión autónoma a partir del año 2009. Expone colectiva e individualmente a nivel provincial, nacional e internacional.



Resistiendo Juntas

Hernán González

Português

A poucos quilômetros da capital do Paraguai, especificamente na cidade de Mariano Roque Alonso, mulheres do povo Maká preservam com orgulho suas tradições, mantendo viva uma cultura que brota da terra, que se nutre da sabedoria ancestral e se expressa nas danças, rituais e símbolos próprios da comunidade. Neste lugar, a coletividade se reúne, e o futebol, um esporte aparentemente alheio, há cerca de 4 anos encontrou um lar inesperado para um grupo de mulheres no Club Atlético Maká. Aqueles pés que um dia percorreram caminhos tecidos pelos antepassados hoje pisam o campo com chuteiras que acompanham a força de mulheres, mães, filhas, irmãs e avós. A identidade Maká permanece intacta, e em cada cadaço amarrado pulsa uma esperança individual e coletiva. Partida após partida, a luta continua com rostos de mulheres que resistem e sustentam uma cultura que se recusa a desaparecer, vidas que agora abraçam novas formas de expressão.

No campo, a energia é palpável. Cada movimento é um ato de empoderamento, uma declaração de presença e uma reivindicação do direito de estar e ser no espaço público. Sob o sol ou a chuva, seus passos ecoam com determinação. O campo de jogo é agora palco da dança Maká, em um momento de reflexão e conexão, de amizade e laços fraternos. Neste ritual moderno, caem preconceitos, revelam-se destreza e convicção, e enfrentam-se as derrotas com coragem. Cada gol é uma celebração e cada torneio, um aprendizado para crescer e avançar. Elas são a equipe feminina do Club Atlético Maká, a materialização de um sonho coletivo. Um time de mulheres que encontrou no futebol muito mais que um jogo: um espaço de encontro, de lazer, de identidade e de liberdade.

Español

A escasos kilómetros de la capital del Paraguay, específicamente en la ciudad de Mariano Roque Alonso, mujeres del pueblo Maká preservan con orgullo sus tradiciones, manteniendo viva una cultura que brota de la tierra, que se nutre de la sabiduría ancestral y se expresa en las danzas, rituales y símbolos propios de la comunidad. En este lugar, la colectividad se reúne, y el fútbol, un deporte aparentemente ajeno, hace 4 años aproximadamente ha encontrado un hogar inesperado para un grupo de mujeres en el Club Atlético Maká. Aquellos pies que alguna vez recorrieron senderos tejidos por antepasados, hoy pisan la cancha con botines que acompañan la fuerza de mujeres madres, hijas, hermanas y abuelas. La identidad Maká, permanece intacta, y en cada cordón anudado, late una esperanza individual y colectiva. Partido tras partido, la lucha continua con rostros de mujeres que resisten y sostienen una cultura que se niega a desaparecer, de vidas que ahora abrazan nuevas formas de expresión. En el campo, la energía es palpable. Cada movimiento es un acto de empoderamiento, una declaración de presencia y una reivindicación del derecho de estar y ser en lo público.

Bajo el sol o la lluvia, sus pasos resuenan con determinación. El campo de juego es ahora escenario de la danza Maká, en un momento de reflexión y conexión, de amistad y de lazos fraternos. En este ritual moderno caen prejuicios, se revela la destreza y la convicción, y se enfrentan las derrotas con valentía. Cada gol es una celebración y cada torneo un aprendizaje para crecer y avanzar. Ellas son el equipo femenino del Club Atlético Maká, la materialización de un sueño colectivo. Un equipo de mujeres que ha encontrado en el fútbol mucho más que un juego: un espacio de encuentro, de ocio, de identidad y de libertad.

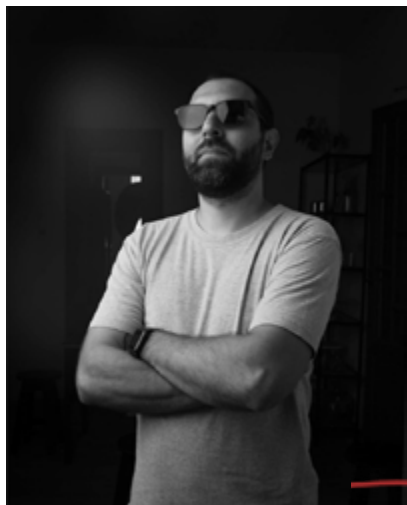












Hernán González



Venado

Johan Cuta

Português

A lenda do veado de ouro conta que, durante a conquista, os Muiscas esconderam seus tesouros nas montanhas que rodeiam Bogotá. Entre eles, um veado de ouro de tamanho real, que ocultaram numa caverna no cerro de Guadalupe. Séculos mais tarde, o aventureiro português Diego Barreto, enamorado da jovem bogotana Inés Domínguez, feriu acidentalmente o pai dela durante uma discussão acalorada. Fugindo da justiça, refugiou-se numa gruta onde, por acaso, encontrou o mítico veado dourado. Cegado pela cobiça de sua descoberta, arrancou seus chifres como prova da riqueza encontrada, continuando sua peregrinação para outros destinos. Anos depois regressou, mas foi assassinado pelo mesmo pai de Inés, levando consigo o segredo do tesouro. Desde então, diz-se que o veado de ouro continua brilhando nas entranhas do cerro, visível apenas para aqueles que ainda creem na lenda.

Com o passar do tempo, esta história adotou múltiplas interpretações. Alguns bogotanos seguem buscando o veado nas encostas do oriente; outros o reconhecem todas as tardes, quando o sol tinge de dourado as montanhas. Hoje, os veados já não habitam estes cerros, transformados pela expansão urbana, o desmatamento, as ocupações legais e ilegais, a monopolização da água, entre outras pressões às quais este território resiste.

Esta série fotográfica reinterpreta a lenda em tempo presente. Através da jornada de um personagem que foge e busca permanentemente, tecendo uma narrativa sobre o desejo, um amor fracassado, a perda e a transformação do território. A luz do entardecer nas montanhas de concreto, característica da capital, e a pele animal representam o olhar permanente dos cerros sobre os bogotanos, recordando-nos que estas terras já não guardam ouro, mas sim uma profunda riqueza ecológica, histórica e espiritual.

Español

La leyenda del venado de oro cuenta que, durante la conquista, los Muiscas escondieron sus tesoros en las montañas que rodean a Bogotá. Entre ellos, un venado de oro de tamaño real que ocultaron en una cueva del cerro de Guadalupe. Siglos más tarde, el aventurero portugués Diego Barreto, enamorado de la joven bogotana Inés Domínguez, hirió accidentalmente al padre de ella durante una acalorada discusión. Huyendo de la justicia, se refugió en una cueva donde, por azar, halló al mítico venado dorado. Cegado de la codicia de su hallazgo, arrancó sus cuernos como prueba de la riqueza descubierta, continuando su periplo a otros destinos. Años después regresó, pero fue asesinado por el mismo padre de Inés, llevándose consigo el secreto del tesoro. Desde entonces, se dice que el venado de oro sigue brillando en las entrañas del cerro, visible solo para quienes aún creen en la leyenda.

Con el paso del tiempo, esta historia ha adoptado múltiples lecturas. Algunos bogotanos siguen buscando al venado en las laderas del oriente; otros lo reconocen cada tarde, cuando el sol tiñe de dorado las montañas. Hoy los venados ya no habitan estos cerros, transformados por la expansión urbana, la tala, las ocupaciones legales e ilegales, la monopolización del agua, entre otras presiones a las que este territorio resiste.

Esta serie fotográfica reinterpreta la leyenda en tiempo presente. A través del recorrido de un personaje que huye y busca permanentemente, tejiendo un relato sobre el deseo, un amor fallido, la pérdida y la transformación del territorio. La luz del atardecer en las montañas de concreto, característica de la capital, y la piel animal, representan la mirada permanente de los cerros sobre los bogotanos, recordándonos que estas tierras ya no guardan oro, sino una profunda riqueza ecología, histórica y espiritual.











Johan Cuta

Português

Fotógrafo documental, gestor cultural e ambiental. Minha paixão é vincular a imagem à investigação científica, à memória social e ao patrimônio cultural. Minha formação de base é a hidrografia; sou também especialista em Patrimônio Cultural Submerso e mestre em Gestão Urbana. Dessa forma, meu trabalho tem-se centrado principalmente na exploração das relações entre comunidades, territórios e corpos d’água, com ênfase no Caribe colombiano, na vida urbana periférica e na apropriação social do conhecimento. Participei em exposições nacionais e internacionais, publicações acadêmicas e de divulgação, assim como em projetos curatoriais sobre oceanos, ciência e cultura. Como autodidata em fotografia, complementei minha formação com oficinas nacionais e internacionais. Minha prática se fortalece no projeto documental Retratos de mar e ciência, que conecta fotografia, ciência e oceanos, contribuindo assim para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Español

Fotógrafo documental, gestor cultural y ambiental. Me apasiona vincular la imagen con la investigación científica, la memoria social y el patrimonio cultural. Mi formación base es la hidrografía; también soy especialista en Patrimonio Cultural Sumergido y magíster en Gestión Urbana. Es así como mi trabajo se ha centrado en explorar principalmente las relaciones entre comunidades, territorios y cuerpos de agua con énfasis en el Caribe colombiano, la vida urbana periférica y la apropiación social del conocimiento. He participado en exposiciones nacionales e internacionales, publicaciones académicas y de divulgación, al igual que en proyectos curatoriales sobre océanos, ciencia y cultura. Como autodidacta en fotografía, complementé mi formación con talleres nacionales e internacionales. Mi práctica se fortalece en el proyecto documental Retratos de mar y ciencia, que conecta fotografía, ciencia y océanos, como aporte a los ODS.



***Semáforo en rojo,
luz verde a la informalidad laboral***

Jhon Jairo Villarraga

Português

Esta série busca registrar algumas atividades cotidianas de quem encontra no semáforo vermelho o seu local de trabalho. Nos breves segundos em que os veículos param, homens e mulheres desempenham seus ofícios: vendem, limpam, fazem malabarismo ou oferecem serviços e produtos que sustentam seu dia a dia. Quando a luz muda para verde, a cidade retoma seu ritmo e, com ele, seu trabalho também é interrompido. Sua economia depende do tempo exato em que o trânsito se congela. É a evidência visível de um país onde as oportunidades de emprego formal continuam sendo insuficientes.

A Colômbia possui uma força de trabalho de cerca de 26 milhões de pessoas, com uma taxa de desemprego de 8,8% (DANE, julho de 2025). Aproximadamente 60% trabalha na informalidade e cerca de 30% tem mais de 60 anos. Números que, longe de serem excepcionais, se repetem em grande parte da América Latina.

Nesse percurso conheci o senhor Rigoberto, que há 14 anos ocupa o mesmo semáforo vendendo produtos para o lar, e Alex, que sempre trabalhou na informalidade, dedicando entre oito e nove horas diárias ao seu ofício. Seus rendimentos variam entre 7 e 18 dólares por dia (o salário mínimo diário na Colômbia equivale a 13 dólares). Para todos eles, um sinal vermelho não é apenas uma pausa na mobilidade urbana: é sua fonte de trabalho, seu cenário cotidiano e, em muitos casos, sua única possibilidade de subsistência.

Español

Esta serie busca registrar algunas actividades cotidianas de quienes encuentran en el semáforo en rojo su lugar de trabajo. En esos breves segundos en que los vehículos se detienen, hombres y mujeres despliegan sus oficios: venden, limpian, malabarean, ofrecen servicios o productos que sostienen su día a día. Cuando la luz cambia a verde, la ciudad retoma su ritmo y, con él, también se suspende su labor. Su economía depende del tiempo exacto en que el tráfico se congela. Es la evidencia visible de un país donde las oportunidades de empleo formal siguen siendo insuficientes.

Colombia cuenta con una fuerza laboral de cerca de 26 millones de personas, con una tasa de desempleo del 8,8% (DANE, julio de 2025). Aproximadamente el 60% trabaja en la informalidad y cerca del 30% supera los 60 años. Cifras que, lejos de ser excepcionales, se repiten en gran parte de América Latina.

En este recorrido conocí a don Rigoberto, quien desde hace 14 años ocupa el mismo semáforo vendiendo productos para el hogar, y a Alex, que ha trabajado toda su vida en la informalidad, dedicando entre ocho y nueve horas diarias a su oficio. Sus ingresos fluctúan entre 7 y 18 dólares al día (el salario mínimo diario en Colombia equivale a 13 dólares). Para todos ellos, un semáforo en rojo no es solo una pausa en la movilidad urbana: es su fuente de empleo, su escenario cotidiano y, en muchos casos, su única posibilidad de subsistencia.













Jhon Jairo Villarraga

Português

Jhon Jairo Villarraga Montilla (Colômbia, 1975), médico formado pela Universidade Tecnológica de Pereira, com estudos de pós-graduação realizados no Rio de Janeiro (Brasil) e em Barcelona (Espanha).

Paralelamente à sua trajetória na medicina, desenvolveu uma sólida formação em fotografia por meio de diplomados na Universidade Tecnológica de Pereira, estudos com o Dr. Óscar Colorado (Cidade do México, México) e diversos cursos na plataforma ContraluzArte. Seu trabalho visual aborda problemáticas sociais tanto urbanas quanto rurais, explorando temas como desigualdade, violência na Colômbia, deslocamento forçado, dinâmicas do campo e a relação com a natureza.

Español

Jhon Jairo Villarraga Montilla (Colombia, 1975), médico egresado de la Universidad Tecnológica de Pereira, con estudios de posgrado en Río de Janeiro (Brasil) y Barcelona (España).

Además de su carrera en la medicina, ha desarrollado una sólida formación fotográfica a través de diplomados en la Universidad Tecnológica de Pereira, estudios con el Dr. Óscar Colorado (Ciudad de México, México) y diversos cursos y talleres en la plataforma ContraluzArte. Su obra se centra en problemáticas sociales en las ciudades y en los territorios, explorando temas como la desigualdad, la violencia en Colombia, el desplazamiento forzado, las dinámicas rurales y la relación con la naturaleza.



Pessoas sem lugar

Maurício Lobo

Português

O crescimento das pessoas em situação de rua no mundo é alarmante e está presente em praticamente todos os países.

As razões para uma pessoa estar na situação de rua são múltiplas e envolvem desde pobreza extrema, problemas psicológicos, violência e/ou desestruturação familiar, alcoolismo, vício em drogas, entre outros. Contudo, muitos destes problemas aparecem em conjunto e somente estão visíveis quando estas pessoas já se encontram muitos anos nesta situação e, podem ser consequências dessa condição vulnerável.

Um dos indícios desse pensamento é o fato de que o país mais rico do mundo, EUA, são aqueles com mais pessoas em situação de rua no mundo, cerca de 770 mil pessoas em 2024,¹ o que pode indicar uma crise global causada pela forma como nossas sociedades se desenvolvem preocupadas com mais acesso a bens e serviços. Uma sociedade que valoriza o desempenho e o sucesso, que não pode ser para todos, causa depressão entre outras doenças e a sensação de cansaço e derrota naqueles que “não são bem sucedidos”.²

No Brasil, há por volta de 350 mil pessoas em situações de rua atualmente segundo o Cadastro Único de Programas Sociais.³ Ainda que o número possa ser maior, é uma boa estimativa, já que as grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, concentram mais da metade dessas pessoas.

Fotografar as pessoas em situação de rua é um desafio. Na maioria das vezes invisíveis para a população das cidades, as pessoas em situação de rua precisam ser vistas como são: pessoas, com nome, lugar de onde vieram, desejos, angústias e histórias de vida. Assim que (foto 2) vemos um corte de cabelo e barba no banco de praça, no centro de São Vicente, litoral paulista, o cuidado com a aparência entre pessoas em situação de rua, algo pouco comum nesta população. Já a alegria do Márcio (foto 6) se refrescando na fonte da Praça da Sé, em São Paulo, numa manhã quente de domingo deste último setembro, mostra que nem somente de tristeza se vive na rua. Ele me disse que é baiano de Salvador, e está há 7 anos na capital paulista, e todas as noites tem um local pra dormir na Vila Mariana, mas vem durante o dia para o centro da cidade em busca de conseguir recursos para comer. Eu pedi para fotografá-lo e lhe dei algum dinheiro, e nos abraçamos.

Mas foi com Jonny (foto 7) um carioca que registrei em frente aos Arcos da Lapa no Rio de Janeiro que vi ao mesmo tempo a desconfiança comum das pessoas em situação de rua, se transformar em alegria de ter alguém pra escutá-lo, saber um pouco dos caminhos que o levaram para a rua, mas que naquele momento, na pequena conversa eu entendo ele se sentiu parte de algo. Também pedi para fotografá-lo, e quando terminei também ofereci algum dinheiro e nos abraçamos em despedida. Nem sempre é possível se aproximar, conversar e saber sobre as pessoas em situação de rua, mas vejo como importante registra-las mesmo que numa situação difícil mãe e filho na rua (foto 1), casal deitado na calçada (foto 4) ou mesmo um senhor dormindo com seu cachorro (foto 5). São pessoas buscando sobreviver vendendo material reciclado (foto 3) e estão presentes nos espaços públicos (foto 8), para que lembremos de seus direitos. Enfim, são imagens que buscam dar visibilidade para um problema presente, mas que já ficamos insensíveis pela correria do dia a dia.

Español

El crecimiento de las personas sin hogar en el mundo es alarmante y está presente en prácticamente todos los países.

Las razones para que una persona se quede sin hogar son múltiples y van desde la pobreza extrema, problemas psicológicos, violencia y/o desintegración familiar, alcoholismo, drogadicción, entre otros. Sin embargo, muchos de estos problemas aparecen juntos y solo son visibles cuando estas personas llevan muchos años en esta situación y pueden ser consecuencias de esta condición vulnerable.

Uno de los indicios de este pensamiento es el hecho de que el país más rico del mundo, Estados Unidos, son los que tienen más personas sin hogar en el mundo, unas 770 mil personas en 2024 , lo que puede indicar una crisis global causada por la forma en que nuestras sociedades se desarrollan preocupadas por un mayor acceso a bienes y servicios. Una sociedad que valora el rendimiento y el éxito, que no puede ser para todos, provoca depresión entre otras enfermedades y la sensación de cansancio y derrota en aquellos que “no tienen éxito”.

En Brasil, hay alrededor de 350 mil personas que viven actualmente en las calles según el Registro Único de Programas Sociales . Aunque el número puede ser mayor, es una buena estimación, ya que las grandes ciudades como São Paulo y Río de Janeiro concentran más de la mitad de estas personas.

Fotografiar a personas sin hogar es un desafío. La mayoría de las veces invisibles para la población de las ciudades, las personas sin hogar necesitan ser vistas como son: personas, con un nombre, lugar de donde vienen, deseos, angustias e historias de vida. Tan pronto como (fotos 3 y 4) vemos un corte de pelo y barba en el banco de la plaza, en el centro de São Vicente, en la costa de São Paulo, el cuidado de la apariencia entre las personas sin hogar, algo poco común en esta población.

La alegría de Márcio (foto 9) refrescándose en la fuente de la Praça da Sé, en São Paulo, en una calurosa mañana de domingo de este pasado mes de septiembre, demuestra que no solo la tristeza se vive en la calle. Me dijo que es de Salvador, Bahía, y que lleva 7 años en la capital de São Paulo, y todas las noches tiene un lugar para dormir en Vila Mariana, pero viene durante el día al centro de la ciudad en busca de recursos para comer. Le pedí fotografiarlo y le di algo de dinero, y nos abrazamos.

Pero fue con Jonny (fotos 10 y 11), un carioca que grabé frente a los Arcos da Lapa en Río de Janeiro, que vi al mismo tiempo que la desconfianza común de las personas sin hogar, convertida en alegría de tener a alguien que lo escuchara, sabiendo un poco sobre los caminos que lo llevaban a la calle, Pero que en ese momento, en la pequeña conversación entiendo, se sintió parte de algo. También pedí fotografiarlo, y cuando terminé también le ofrecí algo de dinero y nos abrazamos en despedida.

No siempre es posible acercarse, hablar y aprender sobre las personas sin hogar, pero veo importante registrarlos aunque sea en una situación difícil madre e hijo en la calle (foto 1), una pareja acostada en la acera (foto 6) o incluso un hombre durmiendo en la acera con su perro (el segundo que no apartaba la vista de mí). En definitiva, son imágenes que buscan dar visibilidad a un problema presente, pero que ya nos hemos vuelto insensibles por las prisas de la vida cotidiana.

¹ Número presentado por el Departamento de Vivienda y Desarrollo Urbano de EE. UU. (HUD) Fuente: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cp3eqengwy5o

² Sociedade do Cansaço é o título e o conceito criado pelo pensador sul-coreano Byung-Chul Han sobre os excessos de estímulos e imposições da sociedade contemporânea sobre todos.

³ O Cadastro Único é um registro que permite ao governo federal saber quem são e como vivem as famílias de baixa renda no Brasil. Fonte: https://www.gov.br/pt-br/servicos/inscrever-se-no-cadastro-unico-para-programas-sociais-do-governo-federal

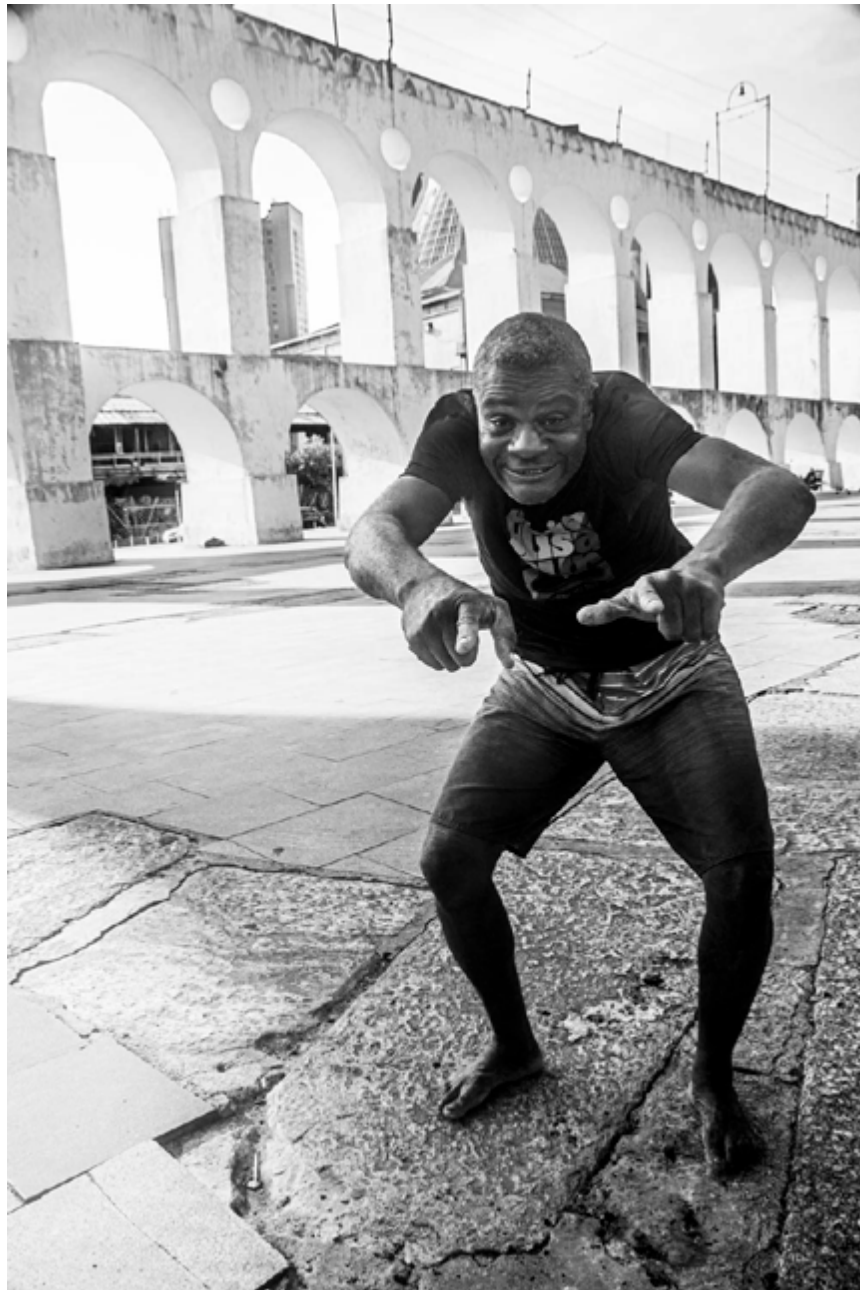
² Fatigue Society es el título y el concepto creado por el pensador surcoreano Byung-Chul Han sobre los excesos de estímulos e imposiciones de la sociedad contemporánea sobre todos.

³ El Registro Único es un registro que permite al gobierno federal saber quiénes son las familias de bajos ingresos y cómo viven en Brasil. Fuente: https://www.gov.br/pt-br/servicos/inscrever-se-no-cadastro-unico-para-programas-sociais-do-governo-federal













Maurício Lobo

Português

Iniciou na fotografia analógica há 30 anos fotografando movimentos sociais, atividades de cultura popular brasileira, entre outros de forma autônoma. Formado em Ciências Sociais com mestrado em História Social com dissertação sobre a representação da cidade de Santos em cartões postais no início do século XX, atuou como professor e coordenador universitário por 20 anos. Retomando a fotografia com projetos sobre os temas relevantes para cultura e sociedade brasileira.

Español

Comenzó en la fotografía analógica hace 30 años, fotografiando movimientos sociales, actividades de la cultura popular brasileña, entre otras, de forma autónoma. Licenciado en Ciencias Sociales con un máster en Historia Social con una tesis sobre la representación de la ciudad de Santos en postales a principios del siglo XX, trabajó como profesor y coordinador universitario durante 20 años. Reanudando la fotografía con proyectos sobre temas relevantes para la cultura y sociedad brasileñas.



Poner el Cuerpo

Silvia Villamil

Português

Esta série fotográfica propõe uma exploração visual das implicações corporais da militância e do protesto na Argentina atual. Seu foco central é a camiseta, transformada num dispositivo semiótico de grande poder. Essa vestimenta cotidiana passa a ser um símbolo corporal e narrativo essencial em marchas e manifestações.

O projeto busca ir além da documentação, mostrando como o corpo se converte num suporte vivo da ideologia, das lutas e das mensagens. A camiseta atua como uma declaração política ambulante que funde o indivíduo com a causa, servindo ainda como um sinal de reconhecimento mútuo, solidariedade e pertencimento.

Finalmente, a série se propõe a interpelar a contradição inerente à ação militante. Os manifestantes “colocam o corpo” literalmente, suportando a fadiga das caminhadas, carregando bandeiras e enfrentando a repressão policial. Na Argentina, existe um longo histórico de violências por parte das forças de segurança que resultaram em perseguições, agressões e mortes. Essa memória está presente nos manifestantes, que, apesar da eloquência de suas mensagens de luta e seus atos pacíficos, são frequentemente estigmatizados e criminalizados como “violentos”. Esta série fotográfica busca, então, ressaltar a tensão entre a mensagem da camiseta e a distorção da percepção social, oferecendo um olhar que dignifica a corporalidade e a coragem inerentes à manifestação das convicções políticas.

Español

Esta serie fotográfica propone una exploración visual de las implicancias corporales de la militancia y la protesta en la Argentina actual. Su foco central es la remera, transformada en un dispositivo semiótico de gran poder. Esta vestimenta cotidiana pasa a ser un símbolo corporal y narrativo esencial en marchas y manifestaciones.

El proyecto busca ir más allá de la documentación, mostrando cómo el cuerpo se convierte en un soporte vivo de la ideología, las luchas y los mensajes. La remera actúa como una declaración política andante que fusiona al individuo con la causa, sirviendo además como un signo de reconocimiento mutuo, solidaridad y pertenencia.

Finalmente, la serie se propone interpelar la contradicción inherente a la acción militante. Los manifestantes “ponen el cuerpo” literalmente, soportando la fatiga de las caminatas, cargando banderas y afrontando la represión policial. En Argentina existe un largo historial de violencias por parte de las fuerzas de seguridad que derivaron en persecuciones, golpes y muertes. Esa memoria está presente en los manifestantes, quienes, a pesar de la elocuencia de sus mensajes de lucha y sus actos pacíficos, son a menudo estigmatizados y criminalizados como “violentos”. Esta serie fotográfica persigue, entonces, resaltar la tensión entre el mensaje de la remera y la distorsión de la percepción social, ofreciendo una mirada que dignifica la corporalidad y la valentía inherentes a la manifestación de las convicciones políticas.













Silvia Villamil

Português

Fotógrafa argentina com o olhar voltado para as dinâmicas sociais do espaço urbano.

Seu trabalho busca visibilizar as histórias de quem dá forma à identidade coletiva. Retrata também os incríveis lugares do seu país. Vive em Buenos Aires.

Español

Fotógrafa argentina con la mirada en las dinámicas sociales del espacio urbano.

Su trabajo busca visibilizar las historias de quienes dan forma a la identidad colectiva. Retrata también los increíbles rincones de su país. Vive en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires.





ContraLuz

@contraluz.contraluz
www.contraluzarte.com

ContraLuz

@contraluz.contraluz
www.contraluzarte.com